



TUDO DELIRA E TODOS NÓS ESTAMOS ATACADOS DE MEGALOMANIA: LIMA BARRETO E AS REFORMAS URBANAS DE CARLOS SAMPAIO (1920-1922)

EIXO TEMÁTICO: 1. DISPUTAS DO/PELO PROGRESSO E DO/ PELO MODERNO

OLIVEIRA, Beatriz Fernandez Vaz

Arquiteta e Urbanista, mestre e doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo; FAU-USP
FAPESP 2022/03906-0
bfernandezvaz@usp.br

RESUMO

As primeiras décadas do século XX foram um período marcado por intensas transformações urbanas para a cidade do Rio de Janeiro. Um dos protagonistas desse tipo de empreendimento, o prefeito Carlos Sampaio, promoveu, durante seu mandato (1920-1922), uma série de intervenções no sentido de “modernizar” a então capital. O escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) não apenas testemunhou e documentou essas transformações, como se posicionou de maneira crítica em relação a elas por meio de sua produção escrita de maneira geral, mas sobretudo de suas crônicas. O presente artigo tem como objetivo abordar a crítica de Lima ao ideário de cidade reproduzido pelas obras de Sampaio a partir da crônica “Megalomania”, publicada pela primeira vez na Revista Careta de 28 de agosto de 1920. Faz-se a aposta de que uma leitura da crônica, atenta às circunstâncias de sua produção, que se relacionam ao momento de internação do autor no Hospital Nacional de Alienados, possa promover uma aproximação contextualizada de sua crítica em relação ao projeto de modernização promovido por Sampaio.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro; Carlos Sampaio; Lima Barreto; modernização; Higienismo

ABSTRACT

The first decades of the 20th century were a period marked by intense urban transformations for the city of Rio de Janeiro. One of the protagonists of this type of enterprise, Mayor Carlos Sampaio, promoted, during his mandate (1920-1922), a series of interventions with the aim of “modernizing” the then capital. The Rio de Janeiro writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) not only witnessed and documented these transformations, but also took a critical stance in relation to them through his written production in general, but especially through his chronicles. This article aims to address Lima's criticism of the city ideology reproduced by Sampaio's works based on the chronicle “Megalomania”, published for the first time in Revista Careta on August 28, 1920. Reading the chronicle while paying attention to the circumstances of its production, which relate to the moment of the author's hospitalization at the Hospital Nacional de Alienados, may promote a contextualized approach to his criticism in relation to the modernization project promoted by Sampaio.

KEY-WORDS: *Rio de Janeiro; Carlos Sampaio; Lima Barreto; Hospital Nacional de Alienados; modernization.*

RESUMEN

Las primeras décadas del siglo XX fueron un período marcado por intensas transformaciones urbanas para la ciudad de Rio de Janeiro. Uno de los protagonistas de este tipo de empresas, el intendente Carlos Sampaio, impulsó, durante su mandato (1920-1922), una serie de intervenciones con el objetivo de “modernizar” la capital de entonces. El escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) no sólo fue testigo y documentó estas transformaciones, sino que también asumió una postura crítica respecto de ellas a través de su producción escrita en general, pero especialmente a través de sus crónicas. Este artículo tiene como objetivo abordar la crítica del autor al ideario ciudadano reproducido por las obras de Sampaio a partir de la crónica “Megalomanía”, publicada por primera vez en la Revista Careta el 28 de agosto de 1920. La apuesta es que una lectura de la crónica, atendiendo a las circunstancias de su producción, que se relacionan con el momento de la internación del autor en el Hospital Nacional de Alienados, puede promover un abordaje contextualizado de su crítica en relación al proyecto de modernización impulsado por Sampaio.

PALABRAS CLAVE: *Rio de Janeiro; Carlos Sampaio; Lima Barreto; Hospital Nacional de Alienados; modernización.*

INTRODUÇÃO: LITERATURA E CIDADE

Mobilizar fontes provenientes do universo da literatura é um esforço que vem sendo realizado pela história cultural urbana. Faz-se a aposta de que, a partir dos textos literários, seja possível acessar uma camada da experiência de cidade impossível de ser acessada pela via das fontes mais usuais (Castro; Mello; Lira, 2021).

É o caso da literatura de Lima Barreto, na qual a cidade do Rio de Janeiro, mais do que um cenário, aparece muitas vezes como personagem. Sua extensa produção de crônicas não apenas documenta as transformações urbanas sofridas pela capital, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, como evidencia a posição crítica do autor em relação a elas (Resende, 2016; 2017).

A crítica de Lima às modernizações empreendidas pelas reformas urbanas de sua época fornece um contraponto relevante ao discurso oficial reproduzido pelos agentes dessas mesmas obras. Em suas crônicas, denuncia a falta de atenção que os subúrbios recebiam do poder público, preocupado quase exclusivamente com as dinâmicas urbanas centrais; questiona a roupagem europeia que se pretendia dar à então capital, julgando inadequadas e até mesmo desastrosas intervenções como a do desmanche do Morro do Castelo, que se deu na esteira de outras transformações durante o mandato do prefeito Carlos Sampaio (1920-1922) (Angiolilo, 2020).

Em sua crônica “Megalomania”, publicada pela primeira vez na Revista Careta de 28 de agosto de 1920, o autor tematiza essas reformas empreendidas durante o mandato de Sampaio, que havia sido nomeado prefeito do Rio de Janeiro em junho daquele mesmo ano. Enquanto prefeito, ficaria incumbido de transformar a cidade para receber a Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922, continuando assim as obras iniciadas por Pereira Passos durante seu respectivo mandato (1902-1906).

“Megalomania” foi escrita e publicada poucos meses após o fim da última internação de Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha (RJ). Capturado pela polícia e diagnosticado com alcoolismo, o autor - que já havia sido submetido a uma outra

internação compulsória na mesma instituição alguns anos mais cedo - concebeu, durante esse período de reclusão manicomial, a obra “Diário do Hospício”, cujas anotações serviriam de substrato para o romance inacabado “Cemitério dos Vivos” (Bosi, 2017).

Ambos “Diário do Hospício” e “Cemitério dos Vivos” foram publicados postumamente e compõem um importante testemunho sobre “a vida interna dos hospitais de loucos”¹. Interessa, no presente trabalho, situar a posição de Lima Barreto em relação às reformas urbanas de Carlos Sampaio, a partir de sua crônica “Megalomania”, trazendo para a cena as possíveis relações entre a crítica à modernização contida no texto e os atravessamentos da sua recente experiência manicomial que, no limite, não deixa de ser um tipo de experiência de modernidade.

O Hospício, criado a partir da concepção moderna de loucura entendida enquanto doença mental, era uma instituição que reproduzia os ideais de razão e progresso da ciência médica da época. A psiquiatria de então compreendia o isolamento, a vigilância e a imposição da disciplina proporcionados por aquele espaço como fundamentais para o tratamento que se pretendia dar àqueles sujeitos que ela mesma classificava enquanto doentes mentais.

Como instrumento de exclusão da diferença, o hospício participava de um projeto de civilização ancorado no triunfo da razão sobre a desrazão, da ordem sobre a desordem, da norma sobre o desvio. Esse projeto, moderno por excelência, determinava qual o lugar do desvio dentro das dinâmicas urbanas que, à época, eram lidas pelas lentes do higienismo (Machado, 1978).

Derivado da medicina social europeia, que atribuía a origem das patologias humanas a causas ambientais externas a sua fisiologia, o higienismo fazia uma leitura patológica da cidade e seus modos de vida. O saneamento, o adensamento populacional e a circulação de ar estavam entre as principais preocupações do urbanismo higienista (Machado, 2011).

¹ É assim que Lima Barreto descreve o objetivo de sua obra “Cemitérios dos Vivos”, em entrevista concedida ao jornal *A Folha* no dia 31 de janeiro de 1920. A entrevista, que se deu durante a internação de Lima no Hospital Nacional de Alienados, foi republicada na íntegra em BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das letras, 2016, p. 234.

Intervenções como as de Sampaio reproduziram esse olhar higienista para o urbano. A remoção de cortiços das áreas centrais e o desmonte de morros, como foi o caso do Morro do Castelo, destruído durante seu mandato, são exemplos dessa postura. A seguir, contextualizar-se-ão tais procedimentos no esquema das transformações urbanas sofridas pela cidade do Rio de Janeiro, do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, para então tratar da crítica a elas dirigida por Lima Barreto em sua crônica "Megalomania".

CARLOS SAMPAIO: O RIO DE JANEIRO, AS REFORMAS URBANAS E O HIGIENISMO

A partir do século XIX, o Rio de Janeiro passa por um intenso processo de crescimento populacional, acompanhado pela expansão da cidade em direção aos vetores norte e sul, o que resulta na transformação de muitas de suas então freguesias rurais em freguesias urbanas (Abreu, 1997) . Esse período foi fortemente marcado pela chegada da corte portuguesa em 1808 e pela consequente importação do discurso higienista sobre os modos de vida urbanos.

O higienismo, que se delineou a partir da medicina social europeia, consistia em atribuir causas externas à fisiologia humana para as patologias verificadas no corpo. Essas causas eram localizadas na cidade, entendida em si como promotora dos surtos e epidemias que muitas vezes acompanhavam os processos de crescimento populacional e expansão urbana acima descritos.

No Brasil, o aspecto do pensamento higienista que mais influenciou os planos e reformas urbanas foi a teoria dos miasmas, que consistia na atribuição da transmissão de doenças pela contaminação do ar. A partir daí, as principais questões que se delinearam como impulsionadoras da insalubridade urbana estavam relacionadas à qualidade do ar e sua circulação, e implicavam em preocupações com a coleta e destino do lixo e do esgoto, mas também com os pântanos, cortiços e morros (Machado, 2011).

No Rio de Janeiro, essa postura em relação à cidade começa a se manifestar a partir de dois planos urbanos elaborados no século XIX: o Relatório Beurepaire (1843) e o Relatório da Comissão de Melhoramentos (1875- 1876). Em ambos se desenha a proposta de demolição

do Morro do Castelo (Andreatta, 2006), criticada por Lima Barreto na crônica “Megalomania”, e que só seria de fato levada a cabo pelo prefeito Carlos Sampaio em 1922. Esses planos do século XIX para a cidade do Rio de Janeiro não chegaram a ser implementados integralmente, mas compõem documentos importantes do discurso oficial sobre o urbano que circulava à época. É nesse período e também informado por esse discurso que se inaugura, em 1852, o Hospício Pedro II, na Praia Vermelha; que viria a ser o Hospital Nacional de Alienados² (Figura 1), onde esteve internado o escritor Lima Barreto poucos meses antes da publicação de “Megalomania”.

Figura 1: Fotografia de autoria de Marc Ferrez da fachada do Hospital Nacional de Alienados em 1890



Fonte: Coleção Gilberto Ferrez - Acervo Instituto Moreira Salles Rio de Janeiro (1890)

O hospício é resultado desse mesmo projeto higienista de cidade, empenhado não apenas na erradicação das supostas causas urbanas das doenças como no isolamento dos adoecidos, sejam eles acometidos por adoecimentos físicos ou morais/mentais. Essa leitura moralizada do adoecimento psíquico correspondia às concepções do alienismo³ que

² Ao longo de sua história enquanto instituição, verifica-se que o nome do edifício passou por uma série de transformações, desde Hospício Pedro II, na ocasião de sua inauguração, a Hospital Nacional de Psicopatas, nome que recebeu em 1927. Passa a ser conhecido como Hospital Nacional de Alienados em 1911, o que se mantém durante os períodos de internação de Lima Barreto tematizados pelo presente artigo.

³ O alienismo surgiu na França como corrente de pensamento e atuação da medicina, a partir dos escritos de Phillipe Pinel (1745-1826), que se dedicava a pensar a loucura enquanto alienação mental, resultante de causas fisiológicas, hereditárias e morais (Teixeira, 2019).

circulavam à época da inauguração do hospício, e que dariam origem à psiquiatria do início do século XX como ciência dedicada a investigar, classificar e tratar tais condições, ainda no domínio do manicômio:

Só é, portanto, possível compreender o nascimento da psiquiatria brasileira a partir da medicina que incorpora a sociedade como novo objeto e se impõe como instância de controle social dos indivíduos e das populações. É no seio da medicina social que se constitui a psiquiatria. Do processo de medicalização da sociedade, elaborado e desenvolvido pela medicina que explicitamente se denominou política, surge o projeto - característico da psiquiatria - de patologizar o comportamento do louco, só a partir de então considerado anormal e, portanto, medicalizável (Machadi, 1978, p. 376).

Essa medicina social de que nos fala Roberto Machado (1978) dava o tom das discussões e das propostas higienistas para a cidade, tomada como objeto do médico, que passava a intervir no meio urbano por meio das políticas restritivas que ajudava a formular. É o caso dos relatórios Beurepaire e Melhoramentos, citados anteriormente.

Muitas das propostas para o Rio de Janeiro contidas nesses relatórios começaram a se implementar de fato somente no começo do século XX, com as reformas promovidas pelo então prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906), engenheiro que integrava a Comissão de Melhoramentos responsável pela elaboração do plano de mesmo nome. Dentre as principais transformações urbanas engendradas durante seu mandato estavam o desmanche do Morro do Senado, a canalização do mangue da Cidade Nova e a abertura da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), que dependeu da demolição em massa de cortiços e demais formas de habitação popular, resultando na expulsão das camadas mais pobres da população do centro em direção aos morros e subúrbios (Carvalho, 2014).

Durante seu mandato, que se deu entre 1920 e 1922, o prefeito Carlos Sampaio foi bastante orientado pelas diretrizes que haviam sido estabelecidas por Pereira Passos, continuando algumas de suas proposições. Destacam-se, entre elas, a urbanização dos bairros da Urca e do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas, o fomento da ocupação de Copacabana e a demolição do Morro do Castelo (Figura 2), da qual dependia a implantação dos pavilhões da Exposição de Comemoração do Centenário da Independência (Kessel, 2001).

Figura 2: fotografia de 8 de outubro de 1922 da operação de desmonte do Morro do Castelo



Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles Rio de Janeiro (1922)

O engenheiro Carlos Sampaio assumiu a prefeitura do Rio de Janeiro em junho de 1920, quatro meses após o fim da internação psiquiátrica de Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados. Interessa observar a proximidade dessas datas para entender qual visão de cidade prevalecia à época da reclusão do autor, informando assim sua posição enquanto cronista urbano, profundamente crítico às transformações empreendidas por Sampaio. É sobre essa postura crítica, expressa na crônica “Megalomania”, e sua contextualização que se pretende tratar a seguir.

“MEGALOMANIA”: LIMA BARRETO, A LOUCURA E O HOSPÍCIO

Ao longo de sua vida, Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi submetido a duas internações psiquiátricas compulsórias no Hospital Nacional de Alienados, localizado na Praia Vermelha, Rio de Janeiro (Schwarcz, 2017). A ele foi atribuído o diagnóstico de psicose alcoólica ou alcoolismo⁴, para o qual à época se prescrevia como tratamento, para além da

⁴ A psiquiatria brasileira do começo do século XX associava os quadros de alcoolismo a uma leitura racializada da teoria da degeneração do psiquiatra francês Benedict-Auguste Morel (1809-1873) (Silva, 2021). Na ficha da

administração de ópio e purgantes, o isolamento e a repressão promovidos pelo manicômio.

Enquanto instituição, o manicômio dependia diretamente da concepção moderna do fenômeno da loucura enquanto doença mental. No domínio da doença, e portanto da medicina, pressupunha-se que haveria para ela um tratamento circunscrito ao ambiente do hospital psiquiátrico. Esse é o caso do Hospital Nacional de Alienados, onde esteve internado Lima Barreto.

A espacialidade desse hospital, inaugurado em 1852, era em si compreendida como instrumento do tratamento que se pretendia dar a doença mental⁵. Fortemente marcada pelo isolamento, pela vigilância e pela disciplina, como informa Foucault (2011), era um tipo de instituição total pensada de acordo com os princípios do panóptico, propostos pelo jurista inglês Jeremy Bentham em seu “O panóptico ou a casa de inspeção”, de 1787.

Para além de uma demanda médica, o manicômio compunha um projeto de civilização moderna, na qual se celebravam a ciência e o progresso, mas também o triunfo da norma sobre o desvio. Esse projeto se materializava a nível urbano, como se viu, na visão higienista de cidade promovida por planos e reformas como os de Carlos Sampaio, objeto de crítica da crônica “Megalomania” de Lima Barreto.

Para melhor compreender o contexto de produção desse texto, cabe tratar da segunda internação psiquiátrica do autor no Hospital Nacional de Alienados, que se deu entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920. Durante esse período, ele produziu um conjunto de anotações sobre a vida no hospício, que serviria de subsídio para a redação de seu romance “Cemitério dos Vivos”. Tanto as anotações, em forma de diário, como o romance inacabado foram publicados postumamente e compõem um testemunho importante da experiência de

primeira internação de Lima Barreto, datada de 18 de agosto de 1914, consta, para além do diagnóstico de “alcooolismo”, uma anotação que afirma se tratar de um indivíduo que apresentava “estigmas de degeneração física” (Schwarcz, 2017), o que deixa evidente a leitura amparada pela teoria da degeneração que se fazia do alcooolismo à época.

⁵ De acordo com Luiz Vicente de Simoni (1792-1881), um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, “de todas as moléstias a que o homem é sujeito nenhuma há cuja cura dependa mais do local em que é tratado do que a loucura” (p. 244).

exclusão social, espacial e urbana promovida pelo manicômio.

Em “Diário do Hospício/Cemitério dos Vivos”, fica evidente a postura crítica do autor em relação às práticas psiquiátricas de sua época, bem como a consciência de que se tratava, no manicômio, de um projeto científico alinhado aos ideais de modernização que moldavam o Rio de Janeiro como cidade e o Brasil como nação. Na passagem em que descreve, no diário, a entrevista realizada pelo médico no pavilhão de observações, por ocasião de sua chegada no Hospital Nacional de Alienados, Lima afirma ter sido posto ali por um irmão “que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do Hospício” (Barreto, 2017, p. 37).

Fragmentos como esse são reveladores da postura crítica do autor, que se propõe a inverter o vetor da observação dentro do hospital e tecer ele mesmo observações sobre os médicos. Para Hidalgo (2008), esse giro proposto por Lima Barreto, que passa de objeto de análise a sujeito da observação, corresponderia à subversão do próprio dispositivo do panóptico reproduzido pela lógica manicomial. O trecho a seguir, no qual descreve o psiquiatra chefe do pavilhão de observação, o doutor Henrique Roxo, exemplifica essa questão:

Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato em si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério - e que mistério!- que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza (Barreto, 2017, p. 37).

Para além do corpo clínico do Hospital, a crítica de Lima se estende a psiquiatria e suas práticas de maneira geral. Na passagem a seguir, também contida em seu diário, aponta para a contradição existente no interior dessa ciência moderna, no tocante ao manejo da doença mental e de seu tratamento por meio da internação manicomial, que acaba por reproduzir uma postura medieval em relação à exclusão da loucura: “Caído aqui, todos os médicos temem pôr logo o doente na rua. A sua ciência é muito curta, muito prevê; mas seguro morreu de velho e é melhor empregar o processo da Idade Média: a reclusão” (Barreto, 2017, p. 71)⁶.

⁶ Trechos como esse apontam para o conhecimento e a sensibilidade do autor em relação ao fenômeno da loucura e seus encaminhamentos ao longo da história. De fato, durante a Idade Média, sujeitos tidos como loucos eram levados a hospitais ou prisões, geralmente localizados fora dos muros das cidades. Esse olhar medieval de exclusão da loucura é sintetizado, de acordo com Foucault (1978), pela *narrenschif* alemã, praticada entre os séculos XIV e XV e popularmente conhecida como “nau dos loucos”, que consistia no

As passagens do diário em que tematiza a espacialidade do hospício também são marcadas pela contradição. Nesse caso, aquela que se estabelece entre as características físicas do ambiente do hospital, pensado de acordo com as preocupações higienistas para ser claro, amplo e arejado; e a experiência de exclusão por ele promovida:

O Hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos (grifo nosso). As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível beleza, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio, quando amanhecemos lembrando que não sabemos sonhar mais... (Barreto, 2017, p. 40).

A partir da leitura desse material, faz-se a aposta de que sua experiência como interno no Hospital Nacional de Alienados tenha reforçado, ou até mesmo contribuído para a crítica direcionada às reformas urbanas de Carlos Sampaio contidas na crônica “Megalomania”, publicada apenas seis meses depois do fim do seu período de reclusão manicomial; uma vez que parecia estar ciente da relação entre o projeto científico do hospício e o projeto de cidade higienista como manifestações de um mesmo ideal de civilização moderna. Na crônica, o autor mobiliza vocabulário proveniente do universo semântico da psicopatologia para descrever a reforma urbana realizada pelo então prefeito, chegando a qualificá-la enquanto “projetos de loucura”:

Tudo delira (grifo nosso) e todos nós estamos atacados de megalomania (grifo nosso). De quando em quando, dá-nos essa moléstia (grifo nosso) e nós nos esquecemos de obras vistas, de utilidade geral e social, para pensar só nesses arremedos parisienses, nessas fachadas e ilusões cenográficas. Não há casas, entretanto queremos arrasar o morro do Castelo, tirando habitação de alguns milhares de pessoas. Como lógica administrativa, não há cousa mais perfeita! O mundo passa por tão profunda crise, e de tão variados aspectos, que só um cego não vê o que há nesses projetos de loucura (grifo nosso), desafiando a miséria geral. Remodelar o Rio! Mas como? Arrasando os morros... Mas não será mais o Rio de Janeiro; será toda outra qualquer cidade que não ele (Barreto, 1920, p. 37).

A crítica em relação aos empreendimentos de Sampaio se constrói por meio da inversão entre norma e desvio, subvertendo a lógica higienista que associa loucura à desordem e razão aos projetos de reforma urbana que objetivavam, entre outras coisas, a sua exclusão.

transporte fluvial dos loucos para fora dos limites da cidade.

Tal inversão se faz a partir da posição de Lima Barreto como um sujeito informado por essa experiência de exclusão promovida pelos mesmos esforços de modernização que se propõe a criticar. Aproximar-se dessa crítica, tendo em vista o contexto de sua formulação, parece fornecer um contraponto relevante ao discurso oficial reproduzido pelos agentes dessas mesmas obras de modernização urbana.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.
- ANDREATTA, Verena. **Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do rio de janeiro no século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- ANGIOLILLO, Francesca Alessandra Ferreira. **Um Rio já partido: relações entre centro e subúrbio na obra de Lima Barreto**. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, FAU-USP, São Paulo, 2020.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Megalomania**. Revista Careta, Rio de Janeiro, n. 636, ano XIII, p. 37, 28 ago. 1920.
- _____. **Diário do hospício e Cemitério dos vivos**, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BOSI, Alfredo. **O cemitério dos vivos: testemunho e ficção**. In: BARRETO, Lima. **Diário do Hospício e O cemitério dos vivos**, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARVALHO, Amanda Lima dos Santos. **Projetos urbanos e formação da cidade oitocentista: o Rio de Janeiro a partir da chegada da corte portuguesa: planos, intenções e intervenções no século XIX**. Paranoá: Tempos e Escalas da Cidade e do Urbanismo, Brasília, v. 1, n. 13, p. 55-63, jan. 2014.
- CASTRO, Ana; MELLO, Joana, LIRA, José. **"Narrar por experiências"**. In: JACQUES, P.; PEREIRA, M.; CERASOLI, J. (orgs.). In: **Nebulosas do pensamento urbanístico. Modos de narrar**. Tomo 3. Salvador, Ed. UFBA, 2021, p. 52-83.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- HIDALGO, Luciana. **Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- KESSEL, Carlos. **A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.
- MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. **A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais**. In: XXVI SIMP SIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. Anais [...] . São Paulo: ANPUH, 2011.
- MACHADO, Roberto. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio

de Janeiro: Edições Graal, 1978.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto: cronista do rio**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SCHWARCZ, Lília. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIMONI, Luiz Vicente de. **A importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados**. Revista Médica Fluminense. Rio de Janeiro: setembro de 1839.

SILVA, Alessandra Lima da. **O Alcoolismo no Hospício Nacional de Alienados (1852 – 1903): uma análise dos discursos e das práticas médicas através dos prontuários**. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2021.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. **Pinel e o nascimento do alienismo**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 540-560, ago. 2019.